

A ESCRIVIVÊNCIA COMO ENUNCIÇÃO DE QUESTÕES RACIAIS EM UMA ESCOLA PÚBLICA DA PERIFERIA DE FORTALEZA

Leonardo Ferreira de Melo Farah Montenegro ¹
Luciana Lobo Miranda ²

RESUMO

Este trabalho, a partir de rodas de conversas semanais em uma escola da periferia de Fortaleza, as quais proporcionaram diálogos sobre a escrevivência, leitura de obras da Conceição e produção de materialidades que representavam os debates trazidos pelos estudantes secundaristas, enunciaram temáticas envolvendo questões étnico-raciais que buscam expor as pontuações protagonizadas pelos estudantes. Isso, alicerçado à escrevivência, mostra como essas questões são tensionadas não só dentro do ambiente escolar, mas também fora e atravessadas por ele. A pesquisa em tela se apoia no ethos teórico-metodológico da Pesquisa Intervenção e no pesquisarCOM, compreendendo a importância de uma pesquisa horizontalizada e distante de uma hierarquia de saberes. A adoção de diários escrevíveis tanto pelos estudantes secundaristas quanto pelos universitários surgiu como mecanismo de ancorar a escrevivência aos diários de campo buscando implicar e registrar os debates e os atravessamentos pessoais e coletivos deles. Para além disso, almeja-se a promoção de um curso de extensão organizado pelos participantes das rodas de conversa de modo a implicar essas questões junto ao corpo estudantil da escola. Como resultados, observa-se a enunciação em diferentes espaços e de diferentes maneiras sobre como a temática racial atravessa os estudantes dentro e fora da escola, os colocando em uma posição de protagonistas e autores das várias maneiras de resistência e existência que são adotadas por eles no ambiente escolar.

Palavras-chave: Escrevivência, Escola, Raça.

INTRODUÇÃO

Inicialmente, adentrando o conceito de raça, entende-se, a partir de Quijano (2005) que esse marcador vem à tona estruturalmente a partir de uma necessidade de diferenciação de colonizadores e colonizados, adotando uma posição de marginalização e subalternização para um lado e de desbravamento e sucesso para o outro. Entendendo a estruturação desse âmbito racista, a raça e as relações que por ela são atravessadas atuam enquanto fundamentais no processo de subjetivação de sujeitos e de corpos, vistos como dissidentes e colocados em um local à margem da sociedade, do comum, do “normal”.

¹ Graduando do Curso de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, leonardofarah@alu.ufc.br;

² Professora titular do departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC, luciana.miranda@ufc.br



Desde esse período colonial, a raça é utilizada como justificativa e legitimação de toda essa marginalização de corpos e da dissidência, tendo corpos cis-hetero-brancos europeus como epicentro de toda a dominação intelectual, enquanto corpos que fugiam dessa norma eram largados sempre à mercê, à beira.

É a partir desse contexto que compreendemos que a população negra do Brasil é marcada por um prisma colonizador, dotada de empecilhos sociopolíticos, históricos e demográficos que, conseqüentemente, impactam de maneira direta a construção de subjetividades.

Hodiernamente, com a ascensão de movimentos de resistência, essa ideia, mesmo que tenha suas marcas imbricadas na subjetividade do povo brasileiro, vem sendo mitigada, ou pelo menos vem tentando ser mitigada, utilizando de movimentos descoloniais, contra-coloniais e anti racistas.

Quando levada para a educação, esse ímpeto colonizador não chega a ser muito diferente do que está para além dos muros escolares. Nos questionamos sobre os clássicos literários trabalhados na maioria das salas de aula, sobre os nomes de relevância histórica, matemática, física, biológica, e assim por diante. Em suma, pessoas brancas são postas nessa centralidade do saber, nesse domínio ideológico (que também não deixa de ser político), nessa hegemonia do poder, deixando, mais uma vez, o saber negro de lado.

Essa pesquisa vem à tona a partir de uma busca e de uma tentativa de, a partir da literatura negra, trazer possibilidades inventivas de debater a raça e os atravessamentos dela dentro do espaço escolar, almejando tensionar os debates étnico-raciais entre estudantes, docentes, gestão, comunidade escolar e universidade, proporcionando espaços metodológicos para se pensar possibilidades de uma centralidade e de uma seriedade da população negra.

Todavia, é a partir da tentativa de contra-colonizar as maneiras de existir enquanto corpos dissidentes que a pesquisa em questão almeja debater os atravessamentos das questões étnico-raciais dentro de uma escola pública com estudantes do Ensino Médio. Utilizou-se, para tal, a literatura negra de Conceição Evaristo, compreendendo a urgência de pôr em destaque uma literatura e uma epistemologia que dialogue diretamente com as questões estruturais e vivenciais do racismo e das pautas raciais.

Assim, é a partir de uma literária brasileira, negra e periférica que almejamos poder falar com e sobre estudantes brasileiros, negros e periféricos.



Para além da figura de Conceição, busca-se trabalhar a partir da escrevivência, termo cunhado por ela que une as palavras “escrever” e “viver”. A escrevivência surge a partir de uma escrita do cotidiano de uma periferia vivida pela autora (GOMES FILHO; NUNES; LAVOR FILHO, 2021) e permite e clama por uma escrita da vida, do cotidiano, dos atravessamentos, compreendendo que as subjetividades são formadas. Sob essa ótica, parte-se de um cenário de resistência à colonialidade e as marcas pretéritas, presentes e futuras dos diversos racismos que atravessam os corpos pretos.

Essa escrevivência é elaborada não só por um caráter real, palpável e cotidiano, mas também por um ficcional e inventivo, permitindo o vislumbre dos diversos locais nos quais, a partir dessa escrevivência, podem ser ocupados.

Para além disso, utilizou-se do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - Ensino Médio (PIBIC-EM), objetivando uma pesquisa participativa horizontal, que tenha estudantes secundaristas e universitários enquanto pesquisadores desse cotidiano escolar. Nesse contexto,

“Dessa forma, as pesquisas vinculadas ao PIBIC-EM não se dividem entre o que é feito por graduandos, pós-graduandos e professores universitários em uma posição de especialistas e aquilo que é realizado por secundaristas a partir de uma suposta passividade associada ao lugar de aluno. Vai-se na contramão dessa repartição para construir investigações que evoquem o entrelaçamento dos atores que compõem esses processos, sem desconsiderar suas diferenças e as possibilidades de aprendizado mútuo na produção das pesquisas em grupo.” (Miranda et al, 2025, p.4)

É pensando em uma contra-colonização não só da epistemologia do pesquisar, mas também da maneira na qual se pesquisa que apostamos em uma construção horizontalizada em que todos/as possam se colocar, se afetar e se constituir enquanto pesquisador-estudante.

METODOLOGIA

Esta pesquisa se ancora metodologicamente na Pesquisa-Intervenção, almejando um caminhar que vai contra os métodos tradicionais de pesquisa, assim como as dicotomias sujeito-objeto ou pesquisador-pesquisado pregada pelos modelos pragmáticos de fazer pesquisa (ROCHA, AGUIAR, 2003). Aqui, entendemos que a pesquisa deve ocorrer de maneira horizontal, distanciando-nos ao máximo de uma hierarquização de saberes e de poderes e compreendendo que cada participante parte de



um local de inquietações, de histórias e de possibilidades de contribuições, fazendo com que todas elas tornem-se pertinentes. Ademais, buscamos, ainda, uma distância de uma suposta neutralidade do pesquisador, uma vez que somos atravessados e objetivados pelo campo, assim como o atravessamos e o objetivamos (Lourau, 2004). Acreditamos, portanto, em uma pesquisa implicada, política e de resistência.

Aliado a isso, adotamos o PesquisarCOM enquanto um prisma de compreender a construção do pesquisar. Aqui, almejamos distanciar o outro de um local de sujeito-pesquisado, mas trazê-lo para a posição de sujeito-pesquisador, de participação ativa no processo de construção da pesquisa (Moraes, 2014). Buscamos, aqui, trazer os estudantes do Ensino Médio de uma escola pública na periferia de Fortaleza (que é o local de pesquisa) para serem pesquisadores do microcosmo e da micropolítica do cotidiano escolar que os atravessa, uma vez que eles vivenciam diariamente os fenômenos que reverberam no interior da escola.

Para tanto, buscando uma proximidade maior entre escola e universidade, assim como entre Ensino Médio e graduação, adotamos o PIBIC-EM enquanto dispositivo que possa por em prática a horizontalidade desse pesquisar, retomando o PesquisarCOM. Assim, o PIBIC-EM nos permite construir uma pesquisa COM estudantes secundaristas, e não necessariamente SOBRE eles. E é nessa adoção de um protagonismo estudantil que o pertencimento e a implicação são ainda mais fortalecidos.

Ademais, inspirados nos diários de campo, ferramentas de extensão do campo que nos permitem construir nossas inquietações e percepções, assim como relatos implicados dos acontecimentos de campo, criamos os diários escrevíveis, baseado na escrevivência de Conceição Evaristo. Aqui, “os diários de campo se tornaram diários-escrevíveis e ultrapassaram um registro de pesquisa, tornando-se um registro das entranhas de um grupo de pesquisadoras/es, um registro da vida.” (Soares, 2024, p.38). Esses diários foram produzidos artesanalmente pelo coletivo de pesquisa (universidade e escola) e customizados individualmente durante um dos encontros.

Os encontros eram realizados semanalmente e duravam cerca de 2 horas. Aconteciam na escola, situada no Grande Bom Jardim e contavam com pesquisadores da universidade e com os pesquisadores da escola: 2 bolsistas PIBIC-EM (CNPq), 6 voluntários, 1 bolsista de extensão (PREX/UFC), 1 bolsista PIBIC (CNPq) e 2 bolsistas de Promoção da Cultura Artística (PPCA/UFC) e 1 doutoranda em Psicologia.

Por fim, este artigo parte de um recorte de uma pesquisa de doutorado ainda em andamento vinculada ao Programa É da Nossa Escola que Falamos e ao Projeto Artes



Insurgentes, ligado ao Grupo de Pesquisas e Intervenções Sobre Violências e Produção de Subjetividades (VIESES/UFC) e ao Laboratório em Psicologia, Subjetividade e Sociedade (LAPSUS/UFC), do departamento de graduação e de pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará e está respaldada pelo parecer de número 6.599.493.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O campo da pesquisa em tela teve duração de um ano, sendo dividido em três momentos: 1) teórico-metodológico, que teve como objetivo uma formação com todo o grupo de pesquisadores a respeito dos referenciais teóricos nos quais trabalhamos, desde os que envolvem o âmbito da pesquisa até os que dizem sobre os fenômenos estudados; 2) preparação para o curso de extensão, que teve como foco a construção de um curso de extensão pelos pesquisadores sobre o debate racial e suas intersecções no âmbito escolar; e 3) a realização do curso de extensão, que foi a execução desse curso aberto ao público da escola na qual nos instalamos, que teve 5 encontros com cerca de 20 alunos em cada um.

Neste artigo, todavia, busco aprofundar o primeiro momento: o de formação teórico-metodológica. Nesse sentido, apesar de, superficialmente, parecer algo formal e deveras acadêmico, essa formação não se restringia à universidade, mas buscava horizontalizar os entendimentos sobre os referenciais de interesse, assim como criar um vínculo e um pertencimento entre os pares e com a pesquisa.

Aqui, houve a realização e o entendimento do que viria a ser os diários-escrevintes: construídos à mão por todo o grupo de pesquisadores e contando com a participação ativa dos estudantes da escola (que também estão incluídos nessa generalização “pesquisadores”). Observamos que esse “construir à mão” faz parte de uma pessoalidade e de uma implicação de cada um que está construindo o seu diário, seu espaço e sua escrita, percebendo essa escrita como um afago, uma linha de fuga. Isso vêm à tona em uma fala de uma das pesquisadoras vinculadas à escola, ao dizer que “para mim, a escrita é muito importante porque ela me ajuda a nomear aquilo que eu não sei dar nome de alguma forma” (Trecho de transcrição). É a partir desses relatos que entendemos a potência não só da escrita, mas da escrevivência ao permitir essa fusão real e ficcional do vivido, do sentido e do desejado.



É uma coisa meio meninas malvadas, entendeu? De escrever ali, no seu livro do arraso, sobre o que você quiser. E não o que, o que a gente tá entendendo que não é isso que a gente pode escrever sobre o nosso dia a dia, que a nossa vida também é interessante. Você não imagina, sei lá, uma cria, um menino que a cria é da periferia, escrevendo um diário, você não imagina. Quando você pensa em diário, você imagina numa meninazinha branca, uma casa, um quarto, todo rosa assim, muito patricinha, como você falou, né? Você não imagina [alguém] como os nossos escrevendo, a gente não imagina [alguém] como os nossos escrevendo. (Trecho de diário de campo, notas do autor)

A gente realmente não tem esse direito de escrever sobre a gente ou de escrever sobre a nossa história, de dar nome às coisas, né? E eu acho que o que a gente tem feito muito aqui no curso é isso, né, dar nome. Por exemplo, eu sofri racismo. Isso é palavra, né? E aí você escrever isso no diário, você está dando um nome a uma coisa que até então você não sabia nomear, né, que é tão violento que você não consegue dizer, né? (Trecho de transcrição)

Diante do exposto, é a partir do protagonismo estudantil no que tange à ocupação do papel de autor e de pesquisador do seu próprio cotidiano escolar que buscamos, aqui, compreender algumas das relações atravessadas pelas questões étnico-raciais nesse microcosmo.

A escrevivência atuou a partir desse momento de apropriação do escrever-viver, incentivando a captura dos fluxos e das dobras que perpassam o dia-a-dia de cada um, trazendo à tona uma possibilidade que caminha entre o real e o ficcional, criando, assim, possibilidades de ser, de nomear e de compreender fenômenos. Entendemos que os atravessamentos raciais englobam, também, sujeições nos processos de subjetivação dos jovens negros e periféricos, que, a partir das entranhas da colonialidade, são cotidianamente postos a uma posição de marginalidade.

A pesquisa, então, acabou por tentar, mesmo que com uma pequena interface interventiva e a adoção da metodologia do PesquisarCOM, contra-colonizar as ideias de marginalidade aos estudantes pretos, assim como a possibilidade de visualizar uma realidade que seja palpável.

REFERÊNCIAS

DUARTE, C. L.; NUNES, I. R. *Escrevivência: a escrita de nós. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo*. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

EVARISTO, C. *Becos da memória*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

GOMES FILHO, A. dos S.; NUNES, L. F.; LAVOR FILHO, T. L. A escrevivência do corpo na composição de experiências dissidências de gênero decoloniais. *Bagoas – Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 14, n. 22, 2021.

JESUS, C. M. de. *Quarto de despejo: diário de uma favelada*. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

LOURAU, R. *A análise institucional*. Petrópolis (RJ): Vozes, 1995.

MIRANDA, L. L.; LAVOR FILHO, T. L.; SOARES, M. R. N.; BARROS, A. M. C.; GONÇALVES, L. T. de L. “Eu faço parte da pesquisa”: PIBIC-EM, participação juvenil e direito à cidadania. *Revista de Educação PUC-Campinas*, [S. l.], v. 30, 2025. DOI: 10.24220/2318-0870v30a2025e14564. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reeducacao/article/view/14564>. Acesso em: 30 out. 2025.

MORAES, M. Do pesquisarCOM ou de tecer e destecer fronteiras. In: **TAVARES, G.; MORAES, M.; BERNARDES, A. (Org.)**. *Cartas para pensar: políticas de pesquisa em psicologia*. Vitória: EDUFES, 2014. p. 77–88.



NISHIYAMA SOARES, M. R.; LOBO MIRANDA, L.; NASCIMENTO OLIVEIRA, M. C. Diários-escrevientes: notas po(ética)s COM jovens pesquisadoras/es do seu cotidiano escolar. *Paralelo*, v. 1, n. 22, p. 30, 21 jun. 2024.

QUIJANO, A. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: **LANDER, E.** (Org.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117–142.

ROCHA, M. L.; AGUIAR, K. F. Pesquisa-intervenção e a produção de novas análises. *Psicologia: Ciência e Profissão*, Brasília, v. 23, n. 4, p. 64–73, dez. 2003. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000400009>. Acesso em: 30 out. 2025.

SOARES, M. R. N.; MIRANDA, L. L.; OLIVEIRA, M. C. N.; SOUSA, A. M. da S. Entre violências e resistências: escrituráveis de gênero com jovens pesquisadores. *Revista de Estudos Aplicados em Educação*, v. 9, 2024, e20249573. DOI: 10.13037/rea-e.vol9.9573.

